



BANHEIRO DOS HOMENS! OBA!¹

(o caso ficou sem graça)

Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência. Mark e Engels (2002: 20)

Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e papéis. Se se pode falar de um enunciado, é na medida em que uma frase (uma proposição) figura em um ponto definido, com uma posição determinada, em um jogo enunciativo que a extrapola. Foucault (1996: 114)

Marlon Leal Rodrigues^{2 3}

(NEAD/UNICAMP/UEMS⁴)

0. Introdução

O caso, imprevisto que possa ser considerado ou qualificado de engraçado no cotidiano, é antes de tudo constituído a partir de um certo tipo de discurso que, entre várias dimensões, tem uma determinada finalidade social, não só a de provocar o riso como seria de supor, mas também como forma de marcar posições ideológicas dos sujeitos, efetivar ritualização de discursos que trazem em seu bojo concepções sociais estereotipados e, por vezes, marca um lugar de resistência, de preconceitos, como o racismo, por exemplo - quando esses já sofrem socialmente algum tipo de *interdição* (Foucault, 1970), ou são afetados pelo “politicamente correto” (Possenti, 2003), mesmo que seja no âmbito do discurso.

¹ Trabalho apresentado no II Seminário de Estudos da linguagem – Identidades, Mestrado em Letras, na UFMS – Câmpus de Três Lagoas, em junho de 2003.

² Agradeço ao CNPq pela bolsa de doutorado, desde 2002-2006, na Universidade Estadual de Campinas-SP.

³ Professor Adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande.

⁴ NEAD – Núcleo de Estudos em Análise do Discurso. Supervisão de pós-doutoramento com a Profa. Dra. Eni P. Orlandi na Universidade Estadual de Campinas-SP.



Nessa perspectiva, assim, esse trabalho se inscreve na perspectiva da Análise do Discurso francesa cujos pilares são M. Foucault (1969, 1970) e M. Pêcheux (1969). Tenho por objetivo fazer algumas considerações de um acontecimento, termo cunhado por Foucault (1969) e trabalhado por Pêcheux (1986), que se pode ser caracterizado como discurso. O acontecimento discursivo refere-se ao caso que pode ser considerado, em alguma instância, engraçado ou humorístico. A análise tem por objetivo procurar mostrar um dos aspectos de funcionamento de um caso engraçado. Pretendo especificar pela análise que o efeito de sentido se deu, entre outras possibilidades, pelo deslocamento abrupto da posição sujeito. Isto decorreu também da insurgência de outro discurso que veio de um outro lugar para desestabilizar as “expectativas” ou ritualizações de discursos proferidos ou que em determinadas condições de produção são esperadas a partir de uma memória discursiva.

1. Um pouco do quadro formal

1.1 Acontecimento

O acontecimento, de acordo com Possenti (2003: 19), é uma noção “crucial para a AD. Em primeiro lugar, por sua relação com a enunciação (...). Em segundo lugar, por sua relação com a história, campo para o qual a noção de acontecimento é uma espécie de matéria prima”.

Para a análise que pretendo realizar, utilizarei como dispositivos o efeito de sentido entre interlocutores, considerando que o discurso “não pertence à ordem da estrutura, sua significação tem que ser apreendida na singularidade” (Possenti, 2001: 276). Para que ocorra certos efeitos de sentido, alguns fatores são necessários na relação entre interlocutores específicos, assim, as condições de produção do discurso constituem uma instância, não só para que ocorra possivelmente o efeito, como, inclusive, mas para que as condições de produção do discurso que aconteça o confronto da materialidade da língua com o próprio real da língua e da história.



1.2 Efeito de sentido

O efeito de sentido ou resultado desse confronto pode estar previsto, ter sua garantia de sentido assegurado ou pode não ocorrer, ou ainda ter outros efeitos não inscrito na previsibilidade em virtude de um possível deslocamento da posição sujeito, nesse último caso, dessa forma, para procurar “explicar” o ocorrido, tenho três perspectivas: a) de acordo com Possenti (2003: 18), o acontecimento caracteriza-se “como o que foge à estrutura, ou a uma rede casual”; b) em Possenti (2002, 274):

o falante tem um papel, não só o contexto (...). Se é verdade que não está livre das regras lingüísticas nem das sociais, também é verdade que as regras lhe permitem pelo menos aspirações, representações e, mesmo, rupturas de regras, lugares onde a subjetividade se manifesta como não necessariamente assujeitada, mas sim ativa.

E por último, ainda Possenti (idem) que considera que a língua é o trabalho do sujeito e o discurso o resultado desta atividade. Assim, no caso analisado, tanto a ocorrência do *efeito de sentido* previsto quanto a sua frustração ou deslocamento alhures, que é também o *efeito de sentido* não previsto, pertence à ordem da instabilidade, a que está submetido, os sujeitos, os sentidos e discursos. A partir dessas posições, considero a atividade do sujeito como uma certa “intervenção”, manobra ou “subjetividade ativa” (Possenti, 1988) na produção do *efeito de sentido* do caso que pode resultar no acontecimento, ou seja, o sujeito, mesmo “intervindo”, não depende exclusivamente dele mesmo o efeito ou resultado de sua intervenção, manobra ou ação, no entanto, também não se pode dizer que sua participação no evento é meramente figurativa.

1.3 Memória discursiva

O segundo dispositivo de análise que lançarei diz respeito à *memória discursiva*, como uma das condições importantes para que cumpra ou não certos efeitos que dependendo de ato de dizer, que por sua vez está intrincado na memória discursiva. Para Pêcheux (1999: 50) a “memória deve se entendida aqui não no sentido diretamente



da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas” discursivas, “memória como estruturação da materialidade discursiva complexa, entendida em uma dialética da repetição e da regularização” (p. 52). Para Pêcheux (idem, 56) a memória é ainda um “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos (...) um espaço de desdobramentos, réplicas e contra-discurso”.

1.4 Sujeito e o caso

Os casos aos quais estou me referindo são situações em que os sujeitos em uma dada posição da qual participa em determinadas condições de produção discursiva, eles de forma abrupta “cometem atitudes imprevistas”, não entender essas atitudes como intenção dos sujeitos ou como uma posição subjetiva, mas como “assujeitamento ativo” que no dizer de Possenti (2002: 274), a “subjetividade se manifesta não necessariamente assujeitada, mas sim ativa”.

As “atitudes imprevistas” dizem respeito a como sair de uma situação que poderia, a princípio, ser constrangedora, passível de deboche, de risos, mesmo que para tal fato, os sujeitos tenham, em alguma instância, que se deslocar de sua posição social histórica, portanto ideológica, para um outra posição a qual não se inscreveriam a não ser em situações muito específicas. Assim, eles procuram ressignificar – no caso específico -, de um lado, sua posição social discursiva, e de outro lado, imprimindo ou tentando imprimir um novo sentido ao seu discurso, que não se afigura como constitutivo dos sujeitos ou que não condiz com eles em certas condições de produção do discurso, ou seja, a sua inscrição em determinada ideologia, condição que exclui outras. Mesmo assim, eles o fazem, muito embora, momentaneamente para fugir ou tentar fugir de situações sociais de constrangimentos, entendendo como efeito de sentido. Casos assim, eles se valem de outros discursos, mesmo que oposto aos seus em uma relação tensa com o seu próprio discurso, o que não quer dizer que os sujeitos ocupam posições homogêneas e fixas, sem nenhum conflito interno, pois a tensão é constitutiva de qualquer discurso, entre outros fatores, de acordo com Orlandi (1999:



67), pela pressão do real histórico, “fazendo que algo irrompa nessa objetividade material contraditória (a ideologia)”.

2. O caso

Após uma longa explicação, porém necessária, vamos de fato ao ocorrido que narrarei e sobre o qual farei algumas considerações. Aconteceu em meados de setembro de 1999, sob o forte calor típico do Mato Grosso do Sul. Foi no curso de mestrado, ironicamente fazendo a disciplina de Análise do Discurso. As aulas foram concentradas. Já era o terceiro dia de aula, período da tarde.

Creio ser notório e de conhecimento corriqueiro que depois do almoço, juntamente com um certo calor e um cansaço físico e mental (três dias diretos de aula), para algumas pessoas, é inevitável não bocejar, quando não alguns cochilos em sala de aula, situação que constrange não só o aluno como também o professor, às vezes. No entanto, a turma tinha uma tática pouco comum para tentar burlar essa situação: ficar em pé.

Era por volta das 15 horas, quando a professora, percebendo que um número considerável de alunos já se posicionavam em pé, resolveu dar o famoso intervalo do cafezinho para a turma tirar o sono e parar de bocejar. Antes, ela recomendou: “tomem muito café e lavem o rosto, por favor”.

Nesses intervalos, como não poderia deixar de ser, sempre há uma certa tietagem, ou assédio sobre os professores, ou puxação de saco mesmo, ou se preferir, ainda, uma situação de inconveniência, muito embora alguns professores já tenham incorporado tal fato, se não o fizeram, pelo menos deveriam. Acrescenta-se a isso um dado peculiar: ainda não havia uma definição a respeito das orientações e alguns alunos estavam tentando cair “na graça” da professora para conseguir a orientação dela, ela só tinha aberto uma vaga.

Voltando ao ponto. Quando a professora anunciou o intervalo, uma colega, vou chamá-la de X, de um salto chegou à professora para conversar antes de todo mundo, e, a bem da verdade, todos tinham a mesma pretensão. Os demais, vendo que haviam



perdido a oportunidade, foram para o café, e, assim, iam esperar uma outra chance para assediar a professora, pois todos sabiam que o assédio iria demorar em se tratando da colega X. Passou-se quase o intervalo todo e a colega X não deixava a professora nem respirar, ainda em sala de aula. Nessas situações, sempre há um gaiato para fazer graça, ou salvar a professora, ou ainda, com o queiram, acionar ou ligar o “desconfiômetro” da pessoa, nesse caso, a colega X. Disse o gaiato: “tire o pé do café e da água da professora que o intervalo está acabando”. O efeito de sentido foi de imediato, fato que fez significar em outro lugar.

A expressão da colega X não foi de muito agrado enquanto que a da professora parecia ser de um profundo agradecimento. A professora foi para o café e a colega X passou diante da turma como um furacão, a passos largos e com uma expressão um tanto sisuda, dizendo: “vou ao banheiro e volto logo”. O banheiro ficava a uns vinte metros em linha reta do ponto em que todos os demais colegas estavam. Ela já de costas para a turma, os comentários sobre a disputa pela orientação e a respeito da colega se multiplicavam à medida em que a turma também a acompanhava em sua trajetória.

Uma pausa para comentar algumas características referentes à colega X, pelo que se pode dizer dela. Ela é tipo que se pode considerar como um tanto sistemática, muito religiosa, tinha cerca de quarenta e poucos anos mais ou menos - é importante comentar que era a mais velha da turma -, daquelas que não falavam muita “besteira” em turma, nem palavrão, muito moralista e frequentemente se horrorizava com algumas conversas, atitudes e uso de expressões mais ou menos populares, ela na maioria das vezes se retirava em sinal de protesto não antes sem tentar “dar um reprimida de leve”. Quando o assunto girava em torno de sexo, certas aventuras amorosas, perto dela, nem pensar falar.

De volta ao ponto. A turma fazia alguns comentários enquanto ela se dirigia ao banheiro feminino, é claro, geralmente ao lado do masculino, quando, de repente, para surpresa de todos, ela se adentrou no banheiro masculino e a turma tomada pela surpresa e em só ímpito gritou como se a cena fosse combinada e estivesse sido ensaiada: **“este é o banheiro dos homens, o das mulheres é o outro”**. Claro que a colega X sabe que o banheiro dos homens são utilizados pelos homens e o das mulheres



são utilizados, por sua vez, pelas mulheres. Ela como mulher deveria utilizar o das mulheres. O alerta nesse caso era para evitar um constrangimento maior, que não é necessário comentar, uma vez que todos sabem (culturalmente) o que fazem e como fazem as pessoas nos banheiros públicos, muito embora alguns colegas dariam tudo para que acontecesse. Muito mais vermelha pelo segundo constrangimento, saiu do banheiro, tinha adentrado apenas na parte possível ver de fora, tipo uma ante sala do banheiro.

Com o grito em coro dos colegas, ela voltou à porta do banheiro rapidamente com aquele sorriso, geralmente sem graça, muito mais vermelha ainda, e com a mão no pingente de Nossa Senhora Aparecida no pescoço, olhou para a tabuleta – “Masculino” - de um lado e do outro lado – “Feminino”. Virou-se para a turma e disse bem alto e em tom de graça, com olhar de indiferença,: **“ah! Este é o dos homens, é este mesmo que eu quero, mas como vocês já me viram, vou deixar para depois”**. Virou-se e foi para o feminino de cabeça baixa, do qual demorou bastante. Talvez a demora não seja um fato relevante.

3. Alguma análise

Em situações assim, entrar em banheiro errado e ser flagrado pelos colegas, gostaria de comentar duas questões básicas. Primeira: faz parte de uma memória discursiva em nossa cultura que caso como esse seja um bom motivo para um deboche, um riso irônico, daqueles que incomodam a vítima. Uma circunstância para uma descontração em cima da desventura alheia e é, ainda, uma boa oportunidade para tirar um sarro, falar certas coisas que, em condições normais, não se falaria. É a oportunidade de deixar a pessoa encabulada o quanto for possível.

Em segundo lugar, esta situação ou condições de produção do discurso é constituída por alguns pré-construídos, já-ditos, alguns dizeres do *arquivo* cultural de posições sociais marcadas (Foucault, 1969), que fazem sentidos serem enunciados em algumas ocasiões, ao passo que outras não, como será visto a seguir.



Ninguém, ou melhor, geralmente não se iria utilizar um discurso de lamentação e solidarizar-se salvo pelo menos no primeiro momento e na frente da vítima – há casos de certas amizades - pelo constrangimento da colega, por exemplo, entre outras paráfrases: “puxa, que pena você ter-se enganado”, “é culpa do calor de Mato Grosso do Sul”, “a culpa é da Universidade que não coloca tabuleta mais baixa”, “aquela tabuleta também está muito descorada”, “a gente com pressa não consegue distinguir direito mesmo”, “você deveria estar com muita pressa”, “se eu fosse você iria reclamar com o diretor”, “não se preocupe com isto não”, “às vezes isto sempre acontece”, “a aula está deixando todo mundo desnorteado”, “é o desgaste mental” etc.. Convém ressaltar que para a materialização desse tipo de discurso, seria condizente, talvez pensar como seria com outros sujeitos e outras condições de produção que teria um outro arquivo para dela acionar a memória discursiva.

O tipo de discurso que talvez teria sido o mais ou menos apropriado, e que inclusive, acredito que o discurso estava “na ponta da língua”, neste caso, o arquivo já aberto, “as portas” do intradiscurso, ou seja, preste a se constituir na linearidade no fio do discurso do sujeito. Caso ela não tivesse dito o que disse ou enunciado o que enunciou, se deslocado de sua posição sujeito que todos acreditam (enquanto efeito de sentidos e da posição sujeito) que deveria ficar. Considerando, ainda, as circunstâncias contextuais, as posições dos sujeitos envolvidos, é, normalmente, quase um ritual “acionar” alguns pré-construídos, do tipo: “logo você, hein! Querendo entrar no banheiro dos homens”, “eu sabia que esta cara de santa ia cair um dia”, “você nunca me enganou!”, “essa cara de santa! Hein!”, “é só fachada”, “logo ela! Nunca me enganou”, “é vivendo e vendo”, “quem diria!”, “um dia a máscara cai”, “o inconsciente não falha”, “Freud explica”, “deve se algum desejo ou fantasia não realizada”, “é um fetiche com certeza” etc..

Estes enunciados, que são paráfrases, seriam os que todos, com alguma certeza fariam uso mais ou menos, teriam dito a partir de uma memória discursiva, caso a colega X não tivesse “desarmada”, deslocada sua posição enunciativa de forma repentina e com tudo que dela decorre, o que culminou o fechamento de um tipo de arquivo – sentido de Foucault, (1969), da turma com o seguinte discurso – “ah! Este é o



dos homens, é este mesmo que eu quero, mas como vocês já me viram, vou deixar para depois” -, enquanto a turma “esperava” euforicamente, dada a condição, um tipo de dizer do tipo: “hii!! foi sem querer”, “ah! é a pressa de ir ao banheiro”, “a culpa é da Análise do Discurso”, “esse mestrado está deixando a gente meio desorientada”, “nem prestei atenção”, “puxa!, vocês não perdem nada mesmo!”, “também três dias de aulas, o quê vocês querem!”, “o que vocês estão olhando”, “até parece que ninguém nunca enganou”, “vai dizer que isto não aconteceu com vocês?”, “caramba!!!” etc..

Caso a colega X, na posição sujeito X, tivesse parafraseado estes enunciados: “acham que eu fiz de propósito? Eu não preciso disso”, ou se utilizado deles, ainda, o acontecimento não teria “fugido às semi-estruturas” e talvez a brincadeira teria sido levada a contento.

Dois elementos são importantes para compor a quebra da “expectativa” ou “fuga das semi-estruturas” dos dizeres que o possível discurso teria feito sentido, considerando que ele nem se quer foi “acionado”, mas talvez estivesse preste a insurgir. O primeiro elemento é o próprio discurso da colega X como “saída estratégica em torno do sentido, ou seja, para evitar certos sentidos”, em forma de acontecimento, que parece ter-se antecipado, e, assim, evitando a irrupção do possível discurso da turma. Foi o primeiro efeito de sentido do discurso dela, evitar a irrupção de dizeres que iriam deixá-la em uma situação ainda mais constrangedora, com ocorre de costume em situações culturais parecidas.

Em segundo, a própria posição sujeito da colega X - sistemática, muito religiosa, certa idade considerando a média da turma, muito moralista etc. – contribuiu de forma constitutiva para a “expectativa do efeito de sentido” da turma sobre ela, pois quando os sujeitos se constituem em determinadas posições sociais e ideológicas, nessas posições alguns discursos são possíveis ao passo que outros são interditados ou causam um certo desconforto, estranhamento de sentidos. Foi este o segundo efeito de sentido, ou seja, a posição sujeito estava em “desarmonia” com o discurso, pois ela havia “estrategicamente”, repentinamente, mudado de posição sujeito, possivelmente, um pouco oposto do que estava inscrita antes da entrada sem querer no banheiro dos homens. Talvez para outros sujeito (em outras posições e em outras condições de



produção) não causasse tanto desconforto (efeitos de sentido). Nesse caso o fato poderia ter passado pela turma sem despertar maior interesse, não teria feito o sentido algum, o caso.

Dessa forma, o discurso que a constituiu nessa outra enunciação foi constituído pelo deslocamento da posição sujeito, ou seja, sua enunciação foi feita a partir de outro lugar que não aquele que era esperado. O que levou a turma a “imaginar” que o sujeito daquela enunciação não era mais a colega X com tais e tais configurações discursivas, e sim uma outra, talvez, colega X’ que se oporia a muito sistemática, muito religiosa, logo não falava “besteira” em turma.

É possível considerar que o efeito de sentido do possível constrangimento, da colega X, flagrado pelos colegas, foi mais intenso do que o constrangido de seus colegas. O deslocamento dela também provocou um efeito de sentido de constrangimento neles. Esse flagrante, dos seus colegas, se materializou em decorrência dos colegas ocuparem uma posição sujeito oposta ao da colega X, ou seja, eles estavam inscrito em um outro discurso, desarmônico ao dela, condição que possibilitou um efeito de sentido menos intenso para eles, mesmo que implique em negar certos valores e princípios que constitui sua posição discursiva, a deles.

Em suma, nas condições de produção, a turma tinha uma expectativa para um tipo de enunciação - que deveria condizer com a posição sujeito da colega X para “acionar” um tipo específico de discurso para aquela situação quase ritualística – cada vez que alguém do grupo dá um “fora”, é quase obrigação dos demais tirarem um “sarro”. No entanto, a enunciação da colega X veio de outro lugar que não condizia com sua posição sujeito cujo efeito de sentido evitou a irrupção de um tipo de discurso, fato este que provocou, além da surpresa, a não irrupção do possível repertório de riso da turma e ainda surpreendeu a todos com o acontecimento discursivo.

Quando a turma “alerta” que é o outro banheiro que ela deveria entrar, ela contrapõe abruptamente. O que é possível considerar neste fragmento: “é este mesmo que eu quero”. Pode-se inferir que ela estava sinalizando para a turma que naquele momento, como estratégia discursiva de reação (entre efeitos de sentidos ou em tornos do sentidos na disputa pelo espaço para significar desta ou daquela forma) à situação



inesperada ou ao acontecimento. Ela se trai se deslocando da posição sujeito juntamente com o seu discurso para inscrever-se em uma outra que a partir do fragmento pode-se considerar as seguintes paráfrases da posição “supostamente nova” naquela enunciação da colega X: “você não me conhece”, “olha!! Sou capaz de fazer certas coisas”, “não sou tão santa assim ou pura como vocês pensam sobre mim”, “eu sei aonde estou entrando”, “sei muito bem o que tem aqui dentro”.

O segundo fragmento diz respeito ao anterior: “vou deixar para depois”. A posição sujeito cujas paráfrases poderiam ser, em alguma medida, as seguintes: “só porque vocês me viram não vou entrar”, “o que é que em entrar aqui”.

4. Considerações finais

A partir da análise do caso, pode-se considerar que o acontecimento discursivo foge a normalidade das instituições e das “semi-estruturas” da língua. O acontecimento irrompe na imprevisibilidade enunciativa, não pode-se prevê-lo, mas de acordo com Possenti (2003), pode-se explicá-lo. Outra consideração importante que pode, em alguma medida, orientar a explicação do acontecimento, conforme Possenti (2002), é que se os condicionamentos sociais impõe regras, tratados, representações, normas etc., isto se dá em decorrência das imposições sociais ao se constituírem, elas o fazem sacrificando uma parte do poderia acontecer ou ter sido. Essa parte que ficou de fora das imposições sociais é a parte que demanda sentido, condição que pode permitir rupturas, deslocamentos, onde a subjetividade, ainda Possenti (idem), se manifesta de forma ativa, ou seja, o caso da colega X pode, nesta perspectiva, é um caso de manifestação da “subjetividade ativa”.

Assim, se não fosse o deslocamento e a ruptura do lugar discursivo enquanto acontecimento, da posição sujeito, o que levou o sujeito a inscrever-se em outra ordem do discursiva, o caso tinha tudo para ser um momento típico de um bom deboche, o que não aconteceu.

Bibliografia



FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 6^a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

ORLANDI, E. P. et al. Maio de 1968: os silêncios da memória. In *Papel da memória*. Campinas-SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. et al. Papel da memória. In *Papel da memória*. Campinas-SP: Pontes, 1999.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. 2^A. ed. São Paulo: Martins Pontes, 2002.

_____. *Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas*. Campinas-SP, UNICAMP, 2003. mimeo.

_____. *Os limites do discurso*. Curitiba-PR: Criar Edições, 2002.